03.08.2019
mesa 5

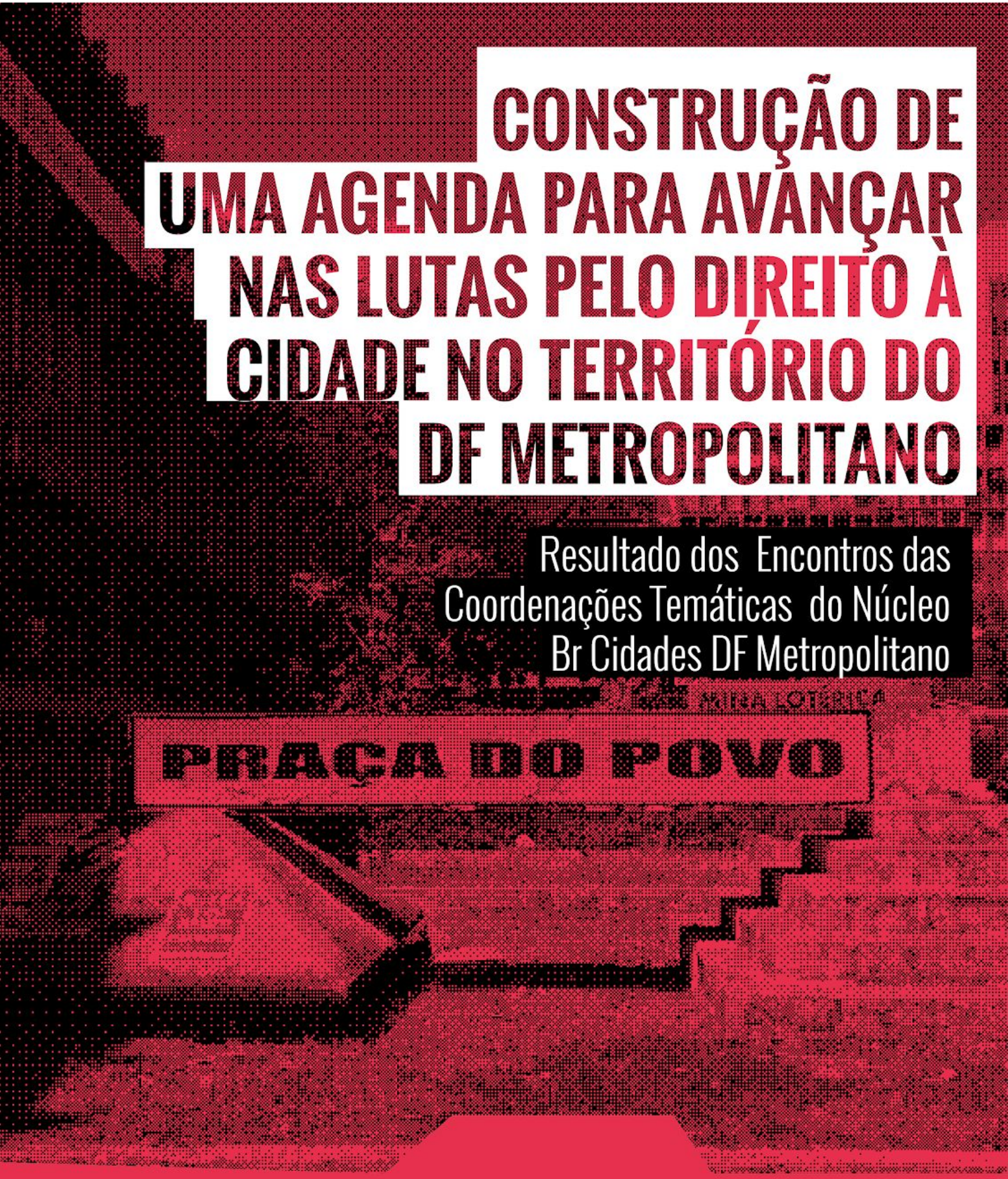
08h30 - 10h30

Lutas Urbanas: Movimentos Sociais e Participação

coordenação
Adília Sozzi
mediação
Rosangela Paz

CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA PARA AVANÇAR NAS LUTAS PELO DIREITO À CIDADE NO TERRITÓRIO DO DF METROPOLITANO

Resultado dos Encontros das Coordenações Temáticas do Núcleo Br Cidades DF Metropolitano



br cidades

Projeto Br Cidades
Núcleo DF Metropolitano
distritofederal@brcidades.org
Brasília . maio de 2019

2.
LUTAS URBANAS, MOVIMENTOS SOCIAIS, MULHERES, NEGRITUDE E LGBTI'S

Introdução

Fazer a análise de conjuntura das lutas urbanas e da correlação de forças entre as várias organizações progressistas e as conservadoras/reacionárias no território, é fazer a análise de conjuntura do cerne da luta de classes. Partindo da relação entre o campo e a cidade, a afirmação se justifica tanto pelo predomínio populacional no espaço urbano quanto pela forma como a dinâmica urbana tem condicionado a rural na atualidade brasileira. O que gera contradições em ambos os espaços. Do ponto de vista histórico, a criação e o desenvolvimento das lutas urbanas e das organizações progressistas se deu pelas próprias contradições desse sistema, que é incapaz de resolver os problemas concretos, e também subjetivos, do povo. Aqui falamos do movimentos sindical, de mulheres, de negros e negras, dos LGBTI's, dos indígenas, da população em situação de rua e também do movimento ambientalista, cultural, de moradia, da educação, da saúde, da assistência social etc.

Essas contradições atuam de formas diferentes dentro da heterogeneidade da classe trabalhadora no espaço urbano, o que gera a diversidade de sua organização e atuação. Entretanto, todas as formas de violência têm uma mesma base tripla – inseparável na atualidade, mesmo que com origens em tempos históricos diferentes – que são a do capitalismo, do patriarcado e do racismo. Todas estruturais e estruturantes do nosso modo de vida. E, assim, essa inseparabilidade faz com que nosso povo, independentemente do espaço que ocupa no território, tenha sempre sobre si o acúmulo dos índices mais cruéis da nossa realidade. Nos lugares que há acesso precário à água, também se tem à luz, à moradia, à educação, à saúde, à mobilidade urbana, à cultura, a empregos valorizados. Onde se tem altos índices de desemprego, também haverá de desigualdade salarial entre homens e mulheres, entre negros e não negros, de analfabetismo, de distorção idade-série, de focos de doenças, de criminalidade, de encarceramento, de feminicídio, de guerra ao tráfico, de juventude preta morta, de baixos salários. Em suma: um acúmulo da ausência do Estado de Direito e da presença tão forte do Estado Punitivista, que dá a responsabilidade ao povo de sua própria condição. Como se fosse ele o criador das contradições de um sistema mundial que tem por

base o domínio, por poucas pessoas, dos meios de produção – simbólicos ou não – e a acumulação privada do que se produz coletivamente através do trabalho. Esse cenário faz com que a desigualdade social, um “problema incômodo” (sic) aos de cima, não seja simplesmente um detalhe que possa ser superado dentro do próprio sistema, como eles divulgam, mas, sim, que essa desigualdade seja a própria base de sustentação desse modelo, devorador de gente.

Por outro lado, como mencionado anteriormente, esse panorama abre e tem aberto cada vez mais espaços para que a sociedade organizada possa se constituir, atuar e disputar projetos no coração do povo. Desde as igrejas neopentecostais e os instrumentos do setor econômico – principalmente dos serviços e do comércio – que oferecem soluções descoladas da realidade, paliativas e superficiais, que não atuam no real centro do problema – e que configuram, portanto, um papel conservador – como também todas as organizações progressistas, que tentam construir um outro projeto de emancipação, de desenvolvimento pleno do ser humano, por outro mundo e, consequentemente, outra cidade, mais justa, igualitária e solidária.

Pela característica sistêmica desse modelo de mundo, a conjuntura internacional e nacional repercute na região do DF Metropolitano, que é composta também por cidades do Goiás e de Minas Gerais. Contudo, aqui na capital federal um elemento aprofunda a conjuntura maior. Somos uma cidade planejada, tanto para a exclusão social como para impedir a organização popular e, assim sendo, a desigualdade sócio-espacial se acentua ao mesmo tempo em que as formas de luta do povo tomam suas especificidades regionais. Como, por exemplo, na luta sindical, quando na ausência da indústria e com a força do setor público distrital e federal, são os sindicatos dos serviços estatais – servidores federais, professores, bancários, rodoviários, urbanitários etc. – que têm tido a maior capacidade de conduzir a luta da população a partir do seu local de trabalho. Visto que a precarização de outras categorias dos serviços e comércio faz com que elas estejam de tal forma pulverizadas, que impedem que o nosso modelo de sindicalismo atual chegue a esses trabalhadores de forma mais efetiva, gerando um vácuo organizativo que será disputado, com os conservadores e reacionários, por outras formas históricas de luta.

Deste modo, as lutas e formas de organização do povo a partir do local de moradia e de pautas temáticas vão cumprir um papel crucial na maneira como a população desta região metropolitana vai compreender e se inserir na luta. Assim como o exemplo d’*Os Incansáveis*, movimento urbano que atuou durante a formação da Região Administrativa de Ceilândia, ou, ainda, o Movimento Hip Hop de modo geral, o Movimento Passe Livre, o Levante Popular da Juventude e os diversos coletivos de cultura, ambientalistas, de mulheres, de negras e negros, de

LGBTI's etc., que têm raízes diversas, em incidência, temporalidade e capilaridade, por todo o território.

Uma coisa é certa e que se demonstra não só aqui: nenhuma forma isolada de organização e luta é suficiente para enfrentar esse sistema, fazendo-se necessária a articulação em rede de todas essas formas, de tal modo que a esquerda possa se reorganizar indo além de se reunirem em um mesmo local, mas que essas forças possam se formar, formular, planejar e, sobretudo, agir conjuntamente. Aqui se encontra uma das potencialidades do BR Cidades Núcleo DF Metropolitano. Sabendo que não será fácil essa longa caminhada, mas que ela é fundamental.

Conjuntura no espaço urbano no DF Metropolitano em tópicos.

1) ***Geral***[1]
   - ***a.*** **sobre o número e a idade**
     - Quase 3 milhões de pessoas;
     - 52,2% de mulheres;
     - 60% de não brancos;
     - Idade média de 33 anos;
   - ***b.*** **sobre a naturalidade**
     - 55,3% de nascidos no DF;
   - ***c.*** **sobre a saúde**
     - 63,5% não tem plano de saúde;
   - ***d.*** **sobre a educação**
     - 3,2% de analfabetismo;
     - das pessoas com 25 anos ou mais:
       - 22,8 % pararam no Fundamental;
       - 35,2% pararam no Ensino Médio;
       - 42% chegaram no Ensino Superior;
     - 31,8% da juventude de 18 a 29 anos não trabalha e nem estuda;
   - ***e.*** **sobre a formação da família**
     - 17,3% das famílias são de mães solo (monoparental feminino) – Elas só não são maioria nas famílias com rendimento maior que 5 salários mínimos[2];
   - ***f.*** **sobre a religião**
     - 57% católicos;

[1] (PDAD,2018): http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/PDAD_DF-Grupo-de-Renda-compactado.pdf
[2] (IBGE,2010): https://censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/

- 27% evangélicos;

g. **sobre o trabalho**

- desemprego: 18,7% da população está desempregada;[3]
- *setor*
  - 74,8% no setor dos serviços;
  - 18% no comércio;
  - 0,5% na agricultura;
- posição
  - 64,3% são empregados (exceto domésticas);
  - 20,3% são de autônomos ou por conta própria;
  - 3,4% são domésticas;
- carteira de trabalho e INSS
  - Somente 56,2% tem carteira assinada;
  - 75,5% contribuem para o INSS;
- renda
  - 51,4% ganham 2 salários mínimos ou menos, no principal emprego;
  - 12,6% ganham até 1 salário mínimo, no principal emprego;
  - 30,9% das residências tem renda familiar de até 2 salários mínimos;

h. **sobre a moradia**

- 43% da população não tem casa própria;

i. **sobre a segurança**[4]

- Geral
  - Média de mais de 1 homicídio por dia, em 2019;
  - Média de mais de 2 tentativas homicídio por dia, em 2019;
  - Média de quase 78 roubos a pessoas por dia, em 2019;
- Contra a Mulher[5]
  - Estupros: Média de 1,4 estupros por dia, em 2019;
  - Feminicídio:
    - já são 7 casos, de janeiro a março de 2019;

---

[3] https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/03/26/interna_cidadesdf,745473/em-um-ano-desemprego-aumenta-em-mais-de-20-mil-pessoas-no-distrito-fed.shtml

[4] Secretaria de Segurança Pública: http://www.ssp.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/11/00_DISTRITO-FEDERAL-21.pdf

[5] Secretaria de Segurança Pública: http://www.ssp.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/11/An%C3%A1lise-FSP-010_2019-Feminic%C3%ADdio-no-DF_1trim_18-1.pdf

- 86% dos assassinos não tinham antecedentes criminais;
    - Já são 33 casos de tentativas de feminicídio;
  - Maria da Penha[6]: Média de quase 42 casos denunciados por dia;
- Contra as pessoas negras[7]
  - Taxa de 34,5 pessoas negras mortas a cada 100 mil habitantes, em 2016;
  - Taxa de 11,3 pessoas não negras mortas a cada 100 mil habitantes, em 2016;
- Contra jovens
  - Taxa de 50,4 jovens mortos a cada 100 mil habitantes em 2016. (posição 22 do país)[8];

2) ***Dos de cima***

a. nos segmentos das igrejas conservadoras

- precisamos entender melhor a proporção, influência e capilaridade das igrejas neopentecostais e batistas conservadoras, além das outras que têm menor escala;

b. **na mídia**

- o Metrópoles, um dos principais jornais do DF, é do Luiz Estevão, que é ligado à grilagem de terra e à família Roriz;
- o Correio Braziliense é do grupo Diários Associados, que também é dono aqui das rádios Clube FM, Planalto e da TV Brasília. Além de eles serem o sexto maior conglomerado de mídias do Brasil, são também os principais responsáveis por formar o que é hoje o mercado publicitário brasileiro[9];
- o Metro é do grupo Bandeirantes, dos Saad. Que são um dos donos da mídia no Brasil;

c. **no sindicalismo**

- precisamos entender melhor a conformação e influência do sindicalismo patronal e de direita no DF;

d. **nos setores políticos institucionais**

- na CLDF: A maioria dos deputados distritais são ligados à especulação imobiliária, burguesia agrária e setores da

---

[6] Secretaria de Segurança Pública: http://www.ssp.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/11/An%C3%A1lise-FSP-011_2019-Viol%C3%AAncia-Dom%C3%A9stica-no-DF_1-trim2019.pdf

[7] Atlas da Violência 2018: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf

[8] Mesmo sendo abaixo da nacional, o número significa que em 2016 morreram 409 jovens no DF.

[9] Para saber mais: http://www.jornalistasecia.com.br/protagonista07.htm

igreja neopentecostal. Contra somente 7 de 24 deputados sendo minimamente progressistas[10];

- na Câmara Federal: 7 dos oito deputados federais são ligados aos mesmos setores conservadores[11];
- No Senado: Somente 1 senadora é minimamente progressista[12];

3) Da luta na periferia

a. da negritude

- Nos últimos anos têm surgido cada vez mais coletivos de negros e negras por todo o DF;
- O Movimento Hip Hop também tem se rearticulado, o que se pode notar tanto pela expansão das batalhas de rima, como por sua articulação na Economia Solidária;
- Precisamos mapear e entender melhor a dinâmica e organização do movimento negro no DF Metropolitano;

b. das mulheres

- Os movimentos feministas já contam com a estrutura do Fórum de Mulheres, que além de organizar anualmente a luta do 8 de Março, também se constitui um espaço de debate entre diversas organizações e mulheres feministas autônomas;
- As rodas de auto-organização e de autocuidado têm se multiplicado pelo território;
- Diversos coletivos e projetos vêm atuando na formação e capacitação de mulheres em diversas frentes, como da rede de Promotoras Legais Populares e em Economia Solidária;
- Precisamos mapear e entender melhor a dinâmica e organização do movimento de mulheres no DF Metropolitano;

c. da diversidade sexual e de gênero

- Para além da organização em coletivos culturais, que são expressivos e fundamentais na cena cultural do DF, a comunidade LGBTI tem multiplicado espaços de auto-organização, de cuidados, de formação tanto política quanto sobre sua memória de luta e resistência;
- Precisamos mapear e entender melhor a dinâmica e organização do movimento LGBTI no DF Metropolitano;

d. da cultura em geral

---

[10] Arlete Sampaio (PT), Chico Vigilante (PT), Cláudio Abrantes (PDT), Fábio Félix (PSol), José Gomes (PSB), Leandro Grass (Rede) e Reginaldo Veras (PDT).

[11] Somente Érika Kokay é progressista.

[12] Leila do Vôlei (PSB)

- Há hoje mais de 40 pontos de cultura organizados pela sociedade civil e com perspectivas populares por todo o DF, com o número aumentando a cada ano;
- O movimento cultural do DF tem se fortalecido a partir de redes de articulação e conseguido vitórias concretas, como o Complexo Cultural de Samambaia;

e. da pauta do território em geral

- precisamos entender melhor a distribuição das ocupações urbanas no DF e a rede de solidariedade que há entre elas e para fora delas, como a estrutura de apoio técnico e acadêmico;
- precisamos entender melhor a rede ambiental de preservação e de hortas comunitárias espalhadas no DF;

f. da religiosidade

- Os setores progressistas da igreja católica, que historicamente contribuíram nas lutas sociais, mantêm diversas raízes no DF Metropolitano, que estão em processos de reorganização de seus trabalhos, somados agora aos setores progressistas das igrejas evangélicas, dos centros espíritas e dos terreiros de umbanda e candomblé;

g. do sindical

- Precisamos analisar melhor a conjuntura sindical do DF, sua configuração, capilaridade e incidência;

Objetivos do BR Cidades dentro desse eixo

1) Compreender e articular melhor com a região metropolitana, já que ainda estamos restritos ao DF;
2) Compreender melhor a realidade do DF Metropolitano, tanto em dados oficiais como nas informações que somente a sociedade organizada tem, como suas histórias e perspectivas;
3) Continuar o mapeamento das inúmeras iniciativas que se organizam pelo território;
4) Criar novos espaços de articulação;
5) Contribuir no aumento da participação do povo nos diversos movimentos, coletivos e plataformas sociais.
6) Contribuir no aumento da consciência do povo sobre sua realidade, principalmente nos temas da classe, do sexo, da negritude, da diversidade sexual e de gênero e da juventude;

Ações táticas

1) Organizar ou contribuir na organização de atividades descentralizadas.
2) Participar das lutas unitárias da classe trabalhadora.
3) Ter o olhar atento para possibilidades de inserção.
4) Trabalhar para a escuta real do povo e que a nossa fala não afaste as pessoas. Ter a forma como importante, mas sem perder o conteúdo.